MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
23 de Janeiro de 2018

I.

Fórum de Davos arranca hoje. Pela segunda vez na história, o fórum económico mundial na Suíça conta com a participação de um presidente norte-americano. A agência Reuters fala de um "confronto épico" entre líderes europeus e Donald Trump.

O Brexit já entrou na última fase legislativa. Depois de aprovado pelo parlamento britânico, o projecto de lei vai a votos na Câmara Alta do Parlamento até finais de Janeiro.

E nesta edição ainda: Carles Puigdemont, presidente deposto do governo da Catalunha, insiste que pode governar a região à distância.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

Começa hoje o Fórum Económico Mundial em Davos, na Suíça. A chanceler alemã poderá juntar-se ao presidente francês num "confronto épico" com Donald Trump. Mais com a jornalista Marta Melo.

Agora que a Alemanha está perto de formar um governo, a chanceler Angela Merkel pode respirar de alívio e voltar a olhar o mundo.
Tudo indica que este regresso aos palcos internacionais vá começar por Davos, na Suíça, onde decorre a partir de hoje o Fórum Económico Mundial.
Fazer esta viagem vai permitir à chanceler alemã juntar-se ao presidente francês Emmanuel Macron naquele que, diz a agência Reuters, será um "confronto épico" de visões do mundo com o presidente norte-americano, Donald Trump.
Recorde-se que Trump tomou posse há cerca de um ano, na mesma semana do Fórum de Davos de 2017.
Desde aí, o líder anunciou a saída do Acordo de Paris sobre o clima; retirou os Estados Unidos da Parceria Transpacífico - acordo de comércio livre com os países asiáticos.

MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
23 de Janeiro de 2018

Recentemente indignou o mundo ao referir-se ao Haiti e outros países com palavras ofensivas.
Este ano em Davos vão estar presentes mais de 70 chefes de Estado e governo. Com o tema "Criar um futuro partilhado num mundo fracturado", a evolução do mercado de trabalho, economia e finanças, cibersegurança, energia e clima e a crise dos refugiados são alguns dos temas em discussão.

Connosco ao telefone a partir de Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga. Primeiro que tudo, que é que podemos esperar deste fórum que junta a elite da política e das finanças mundiais na Suíça?
Este fórum é um fórum muito importante, quer para os dirigentes políticos, quer para os dirigentes do mundo dos negócios. E na realidade durante os dias em que estão em Davos eles realizam dezenas e dezenas de reuniões –é um fórum de networking - que só seria possível se eles andassem durante todo o ano de um lado para o outro de avião a fazer esse tipo de contacto, ou seja, eles fazem durante uma semana todo o networking que é necessário para o ano inteiro. E essa é a grande vantagem de se ir ao Fórum de Davos. Aliás, este ano a presença no Fórum de Davos é muito forte por parte não só dos empresários e dos representantes da alta finança internacional, mas também por parte de governantes políticos vindos dos mais diferentes cantos do mundo.

Há quem fala de um choque entre o proteccionismo de Donald Trump e da abertura de Macron e de outros líderes da União Europeia. Este conflito e este fórum podem de algum modo definir a relação futura entre Washington e Bruxelas?
No fórum vamos ter, por um lado, quem é a favor do globalismo e de posições, digamos assim, de comércio internacional muito abertas e muito liberais e, certamente, Emmanuel Macron e os representantes da Europa irão nesse sentido. E depois teremos no final da semana – se se concretizar a presença do presidente Donald Trump - uma afirmação completamente contrária: o proteccionismo, o olhar para dentro, o fechar as fronteiras ao comércio internacional, que é de facto a posição da administração americana actual. Não haverá confrontação no sentido de estas duas opiniões estarem na mesma sala a debater a questão, porque na realidade o que vai acontecer é que, por exemplo, Emmanuel

Macron vai falar ao fórum na quarta-feira e o presidente americano, se vier, falará na sexta. De qualquer maneira para quem está em Davos é importante ter a presença dos americanos no fórum, porque além do presidente vem muita gente da administração norte-americana. Um outro facto muito importante este ano no fórum é a presença do presidente francês Macron. Macron marca um novo tipo de agenda, representa a nova geração de políticos internacionais e, além disso, Macron, em certa medida vai representar uma competição muito forte em relação aos organizadores do Fórum de Davos. O Fórum de Davos é um sucesso em termos do número de participantes e do tipo de pessoas que vêm a Davos cada ano. Mas este ano Macron na véspera da realização do Fórum de Davos, conseguiu reunir no Palácio de Versalhes em França 140 dirigentes mundiais das maiores empresas que existem na área das finanças, na área da indústria e na área da cibernética. E na realidade ele teve em França, em Versalhes, um mini Davos antes do grande Davos na Suíça e isto em certa medida põe a França na vanguarda das relações internacionais e nomeadamente na vanguarda da discussão sobre as questões globais.

Na reunião do Fórum Económico Mundial em Davos, em Janeiro de 2017, apenas 18 por cento dos participantes eram mulheres. Este ano vão estar sete mulheres na co-presidência do evento. Victor, são boas notícias?
Certamente, eu penso que o Fórum deste ano vai estar muito influenciado por todo o debate que está a decorrer sobre as questões do género, sobre as desigualdades entre os homens e as mulheres, sobre o assédio sexual e todas estas questões são questões importantes e é muito significativo que os painéis venham a ser presididos por mulheres este ano. Ou seja, nós vamos ter finalmente, digamos assim, uma situação em que a direcção dos assuntos globais é também vista como partilhada entre os homens e as mulheres. No passado, falava-se muito no "Davos Man", ou seja no homem do Davos, que era um homem global, educado nas melhores escolas, extremamente liberal, feliz da vida e pertencente à elite mundial. Eu penso que este ano se vai falar no "Davos Woman", na mulher de Davos, porque na realidade a presença à frente dos painéis de personalidades femininas extremamente marcantes na cena internacional vai permitir mostrar que também há mulheres muito liberais, educadas

nas melhores escolas que existem no mundo e também capazes de tratar as grandes questões globais, desde as questões da cibernética, até às questões do clima, às questões da inteligência artificial e às questões, por exemplo, da segurança internacional.

III.

O Parlamento britânico aprovou um projecto de lei que enquadra legalmente a saída do Reino Unido da União Europeia. Esta é a última etapa legislativa do processo do Brexit, como nos conta o jornalista da Antena 1 Nuno Carvalho.

[*A lei revoga a adesão do Reino Unido à CEE, em 1973, e passa todas as normas europeias para o direito britânico. O governo de Theresa May explica que assim, o país não ficará num vazio legal no dia a seguir à saída, que será suave e ordenada para os cidadãos e para as empresas do Reino Unido. A proposta do Governo era crucial para a saída da União Europeia. A aprovação na Câmara dos Comuns é uma vitória para Theresa May, mas o diploma tem de ir ainda à Câmara dos Lordes, onde os defensores do Brexit estão em minoria.*
A lei aprovada resulta de mais de 80 horas de discussão no Parlamento. Teve mais de 500 alterações em relação ao que o governo propunha. Mesmo assim não contenta sequer todos os conservadores do partido da primeira-ministra. Esperançados que os lordes aprovem alterações importantes ao diploma. Alterações pelos lordes precisam do acordo dos comuns e assim o processo legislativo pode arrastar-se mais alguns meses. Os adversários do Brexit confiam num segundo referendo, que permita acabar com o divórcio entre Londres e Bruxelas, o que permite ao Reino Unido permanecer no mercado único.]

Victor, como ouvimos nesta peça, os adversários do Brexit ainda acreditam num referendo. Quais são as reais possibilidades de isso vir a acontecer?
Eu penso que nesta fase a ideia de um segundo referendo é uma ideia que tem poucas asas para voar, ou seja, há poucas possibilidades de haver um segundo referendo. O que o debate mostra é que na realidade, à medida que o tempo passa, uma

boa parte da população britânica toma consciência de que a saída da União Europeia é uma má decisão, mas neste momento terão que viver com ela. E por isso é que o número dois do governo britânico, o ministro que é adjunto da primeira-ministra já fala na hipótese de dentro de uma geração os britânicos voltarem novamente a considerar a questão e provavelmente nessa altura – mas só dentro de uma geração, ou seja, dentro de 25 a 30 anos – voltarem a pensar em regressar à Europa.

Apesar deste distanciamento do Reino Unido da União Europeia, assistimos na semana passada à cimeira França-Reino Unido e a uma aproximação dos dois países.
Boris Johnson, o ministro dos Negócios Estrangeiros propôs a construção de uma ponte para ligar as duas nações. Foi reforçada a parceria, nomeadamente na área da segurança.
Que leitura fazer da aproximação de Londres e Paris?
O próprio governo britânico considera que o Brexit terá muitos aspectos negativos e, por isso, vai tentar investir nas relações bilaterais com alguns países muito importantes dentro da União Europeia. O vizinho mais importante da Grã-Bretanha é a França e daí esta aposta muito forte do governo de Theresa May numa aproximação com a França. Uma aproximação que certamente beneficiará os franceses e que talvez não responda inteiramente aos aspectos negativos relacionados com o Brexit, mas em certa medida permita à Grã-Bretanha manter algumas pontes – económicas, pontes em matéria de política externa, em matéria de política externa e em matéria de segurança – com um país que é fundamental e que será cada vez mais importante no processo de integração europeia que é a França. Eles decidiram durante a cimeira da semana passada apoiar as forças militares francesas que estão em operação no Sahel. Por outro lado, os britânicos vão investir ainda mais na segurança da fronteira francesa em Calais. Vai haver muito mais cooperação entre os dois países em matéria de troca de informações de segurança e inteligência. Vai também existir evidentemente um relacionamento muito mais próximo em matéria cultural e em matéria de intercâmbio entre os jovens franceses e os jovens britânicos.

IV.

Carles Puidgemont, presidente deposto da Catalunha e deputado eleito nas eleições de 21 de Dezembro insiste que é possível continuar a governar a região espanhola através de Bruxelas.
Numa entrevista à Rádio Catalunya, Puidgemont salientou que as novas tecnologias tornam tudo isto possível. A partir da prisão é que não seria viável exercer o cargo de presidente da Generalitat, acrescentou o líder deposto.
Também na Catalunha, os independentistas insistem que Puidgemont é o candidato à presidência. Eduardo Pujol, deputado e porta-voz do *Juntos pela Catalunha*, diz que a lei está do lado de Puidgemont.

Eduardo Pujol, Porta-voz "Juntos pela Catalunha"
O regulamento prevê a investidura de Puidgemont e nós iremos fazê-lo cumprindo o regulamento. Ninguém se deve preocupar mais do que deve; vamos fazê-lo e vamos fazê-lo bem.

Entretanto, o executivo de Mariano Rajoy já garantiu que Puigdemont não será reeleito presidente da Generalitat. O porta-voz do governo madrileno, Íñigo Méndez de Vigo, garantiu que será Madrid a governar diretamente a Catalunha por tempo indeterminado.

Victor, em relação à situação da Catalunha, o que é que podemos esperar nas próximas semanas?
Nós estamos num impasse no que diz respeito à Catalunha. As eleições de 21 de Dezembro não resolveram a questão, continuamos numa situação que parece um beco sem saída, que não tem neste momento solução. A segunda observação é que, se Puidgemont for investido como presidente do governo regional à distância, através da internet, isso agravará novamente a situação na Catalunha e vai certamente provocar um endurecimento das posições do governo de Madrid. Evidentemente tudo isso aumentará bastante as tensões que já existem em toda a região catalã, que são tensões muito fortes. Neste momento, a população residente na Catalunha está extremamente dividida. O outro grande problema e a terceira grande questão que eu veria em relação à Catalunha é que, quer a União Europeia - e nomeadamente as instituições em Bruxelas - quer o governo de Madrid procuram a todo o custo evitar que a questão catalã se transforme num problema

europeu. Em Bruxelas continua-se a olhar para a questão catalã através do canto do olho e fundamentalmente a adoptar a seguinte posição: isto deve ser um problema espanhol, deve ser resolvido por meios constitucionais espanhóis, não tragam esse problema para a Europa, não tragam esse problema para Bruxelas, porque nós já temos problemas que cheguem.

E esta permanência já longa de Puidgemont em Bruxelas nao cria mal-estar em Madrid, isto é em relação à Bélgica?
Cria algum mal-estar. Aliás, Carles Puidgemont tem um problema muito concreto, que terá que resolver nos próximos dia. Ele está praticamente a concluir 90 dias de permanência na Bélgica. Qualquer cidadão europeu que permaneça 90 dias ou mais na Bélgica tem que se inscrever como residente no Reino da Bélgica e ele vai ter que optar por inscrever-se como residente no Reino da Bélgica ou sair da Bélgica. Muito provavelmente ir-se-á inscrever como cidadão se continuar aqui. Aliás, não tem outra opção, tem mesmo que se inscrever como cidadão. A partir daí esse facto dará um novo argumento ao governo de Madrid dizendo: como é que é possível que uma pessoa residente no estrangeiro, residente num país muito distante da região catalã tenha a pretensão de que é o presidente e o governador da região catalã. Ou seja, esta ideia do governo à distância através da informática, através da internet é uma ideia que não pode de maneira nenhuma ser aceite, nem pelo governo de Madrid, nem foi aceite pelos conselheiros jurídicos do parlamento catalão que disseram claramente que um governo à distância por meios informáticos não é possível, não é legalmente aceitável e não pode de modo algum ser considerado uma solução constitucional dentro dos princípios legais da Catalunha.

Essa possibilidade de governar a Catalunha através de videoconferência. Conhecem-se outros casos no mundo?
Eu creio que não, creio que não há outro caso em que o presidente de um país, ou o presidente de uma região esteja a governar à distância. O único caso em que se pode falar disso é o caso do Iémen, em que o presidente considerado legítimo por alguns dos países vizinhos do Iémen governa a partir da Arábia Saudita. Mas na realidade não governa, na realidade o que acontece no Iémen é uma guerra civil em que o antigo presidente do Iémen controla algumas tropas e depois os rebeldes controlam outras tropas e outras partes do país. Mas

governar à distância em condições normais e sem ser em situações de guerra é absolutamente impensável, mesmo no mundo de hoje em que é possível estar em contacto com as pessoas instantaneamente através dos meios informáticos.

V.

Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa.
E para terminar, damos conta de uma exposição que passou este mês pelo Centro Comunitário Marítimo, em Bruxelas.
"Is it my fault?" reuniu roupas que mulheres e jovens usavam no dia em que sofreram ataques sexuais: desde calças e blusas, passando por pijamas e até camisas largas.
Com a exposição, a organização, que ficou a cargo do grupo de apoio a vítimas CAW East Brabant, pretendia deitar por terra o mito de que roupas consideradas provocantes são um dos motivos que leva aos crimes sexuais.
Nós ficamos por aqui, até para a semana!

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +. Estamos no Facebook em Magazine Europa.